

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA NATÁLIA SANTANA ZUCCALA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



f
ONTANAR

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA NATÁLIA SANTANA ZUCCALA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

**MORTE E VIDA SEVERINA
E OUTROS POEMAS**

AUTOR

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

TEMA

**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA
E COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO

POEMA

f
ONTANAR

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto
Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zuccala, Natália Santana

Material digital do professor — Morte e vida Severina /
Natália Santana Zuccala ; coordenação de Cristiane
Fernandes Tavares ; CEDAC. — 1ª ed. — Rio de Janeiro :
Fontanar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-85-63277-99-2

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Melo Neto,
João Cabral de. Morte e vida Severina. III. Tavares, Cristiane
Fernandes. IV. CEDAC

21-0698

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA FONTANAR LTDA.

Praça Floriano, 19 — Parte sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Propostas de atividades I: O livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

Pré-leitura, 12

Leitura, 16

Sugestões para a leitura dos outros livros presentes na obra, 23

Pós-leitura, 26

Propostas de atividades II: O livro e as outras áreas do conhecimento, **29**

Pré-leitura, 29

Leitura, 29

Pós-leitura, 33

Aprofundamento: Análise estética e crítica, **38**

Sugestões de referências complementares, **42**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **44**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Morte de vida severina e outros poemas*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que

favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Neste material vamos embarcar numa trajetória pela obra do grande João Cabral de Melo Neto. Nossa paisagem será tão diversa quanto a da que acompanhamos ao ler o poema “Morte e vida severina”. Passaremos, nesta viagem, pela produção de João Cabral na década de 1950, conhecendo mais sobre o poeta e sobre o contexto histórico, geográfico e cultural de suas produções, fazendo um **diálogos com a sociologia e com a antropologia**. Também refletiremos sobre os recursos estéticos e estilísticos do poeta, para compreender a composição de um projeto artístico complexo. Por fim, aprofundaremos nos temas que se repetem e insistem durante o livro, explorando todo seu potencial de trabalho em sala de aula.

Nascido no Recife, em 1920, **João Cabral de Melo Neto** foi um dos maiores escritores de língua portuguesa. Ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL) e recebeu várias condecorações, como o Prêmio Camões, em 1990, o prêmio Reina Sofía de Poesia Ibero-amoamericana, em 1994, pelo conjunto de sua obra, o que deixa evidente ao mundo todo a relevância desse poeta pernambucano.

Além de escritor, João Cabral também foi diplomata, profissão que lhe deu oportunidade de viajar a diversos países e a viver em alguns deles, como Espanha e Portugal. Seu coração, no entanto, residia no Nordeste brasileiro, no estado de Pernambuco, na cidade do Recife.

Seu primeiro livro publicado foi em 1942, *Pedra do sono*, e o último em 1997, *Educação pela Pedra e Depois*. Sua obra integra o que chamamos de terceira geração modernista, a Geração de 1945.

O modernismo brasileiro foi inaugurado pela Semana de Arte Moderna de 1922 e costuma-se dividi-lo em três fases: a primeira (1922-1930) está marcada por rupturas com os fazeres literários do século anterior e tentativa de inauguração de novos códigos literários — essa tentativa de inovação no campo fica evidente pela presença de uma série de manifestos importantes escritos nesse período, como “Manifesto atropófago” e “Manifesto Pau-Brasil”, de

Oswald de Andrade; já a segunda fase (1930-1945) está marcada pela “ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna” (BOSI, 2017, p. 412), e nela se consolidam as conquistas da fase anterior; por fim, na terceira fase (1945-1960) “re-nova-se [...] o gosto da arte regional e popular” (idem, p. 413) ao mesmo tempo em que o espaço urbano entra nesse caldo cultural para construir algumas das obras mais importantes da literatura brasileira.

Um período plural, que abarcou pelo menos metade do século xx e foi marcado por estilos e gêneros diversos, numa busca por um rompimento com a tradição literária e artística. A proposta era inserir o Brasil e as brasiliidades no cenário artístico mundial, valorizando a autenticidade das pessoas nascidas aqui no país.

João Cabral de Melo Neto é uma das figuras mais relevantes da Geração de 1945, junto com outro João, o Guimarães Rosa (1908-67). O segundo na prosa e o primeiro na poesia, ambos compuseram propostas estéticas que alargaram as barreiras de gênero, da língua e da linguagem. Cabral procurava uma poesia sem lirismo exacerbado, uma poesia substantiva e concreta, e Guimarães explorava na prosa uma linguagem altamente poética. Em busca de inovações estéticas e temáticas, Clarice Lispector (1920-77) também integrou esse elenco de escritores que marcaram definitivamente a história da literatura brasileira, trazendo para o campo, assim como seus colegas João e João, o protagonismo de personagens à margem dos centros urbanos.

Em termos históricos, essa terceira geração, que durou de 1945 a 1960, se desenvolveu durante a chamada República Nova, período histórico que vai de 1945 até o golpe militar, em 1964. Trata-se, sem dúvida, de um período de instabilidade democrática, como muitos nessa jovem república chamada Brasil. Dessa forma, assim como o Brasil parecia uma frágil democracia, em busca de compreender seu lugar no mundo, também a literatura brasileira se colocava em xeque, procurando não ceder a tendências internacionais, mas sim compreender os legados e as características específicas desta República.

A ditadura mudou o Brasil entre 1964 e 1979. Economia, política, cultura e sociedade. No fim dos anos 1970, quando se anuncjava o “amanhã”, nada mais era igual ao que havia quando “se fez escuro”, em 1964.

Os custos foram muito altos. Para além dos perseguidos, presos, torturados, exilados ou mortos, é indizível a dor e a angústia de toda uma população empurrada em ritmos inéditos de mobilidade — social e geográfica —, revolvida nos alicerces culturais por um vendaval de modernização que, de forma autoritária, conduziu a sociedade para um novo patamar de desenvolvimento do capitalismo.

Um projeto de República perdeu-se em 1964. Nacionalista, baseado no protagonismo do Estado em aliança com as classes populares das cidades e dos campos, o programa das chamadas “reformas de base” experimentou estranha derrota, saindo de cena sem travar nenhum combate. [...]

Portas que se fecham, portas que se abrem.

Ganhou a parada o projeto de modernização autoritária, surpreendendo a todos que apostavam na “utopia do impasse”.

(REIS; RIDENTI; MOTTA, 2014, p. 11)

“Morte e vida severina”, nesse contexto, conta uma história muito brasileira, que abriga características sociológicas, culturais, históricas, regionais, antropológicas e geográficas de uma das regiões mais ricas deste país: o Nordeste. No período em que foi escrito, essa região tão profícua passava por um momento em que a miséria a assolava de maneira endêmica:

No Nordeste da década de 1950, a morte era uma força precoce e devastadora. Calor, seca, desnutrição, pobreza, concentração fundiária, coronelismo — este é o mundo árido e brutal onde o personagem Severino empreende sua epopeia trágica. (NECCHI, 2016, p. 12.)

Composto numa hibridez entre o gênero teatral (auto de Natal) e a **poesia** (falaremos disso mais adiante, nas reflexões e análises deste material), “Morte e vida severina” conta a história de Severino, retirante que migra do interior de Pernambuco para a capital, Recife.

Uma das primeiras e mais importantes características desse enredo é justamente o tipo de migração. Temos uma visão corrente e estereotipada de que o retirante brasileiro vai do Norte para o Sul, mais especificamente para São Paulo e Rio de Janeiro, normalmente vindo do Nordeste. Em “Morte e vida severina”, no entanto, temos uma migração Nordeste-Nordeste, um deslocamento do senso comum que já desde o princípio é interessante para os estudantes do Novo Ensino Médio. Afinal, se por um lado uma das funções mais importantes da educação é compartilhar com os estudantes o conhecimento produzido no mundo como legado, como tradição, por outro também faz parte da função do educador trazer novas perspectivas, provocar a reflexão, desestabilizar o senso comum. Essa desestabilização, como veremos adiante, não se dá na obra apenas do ponto de vista da temática, mas também na forma poética, no gênero teatral auto, na construção de personagens, na simbologia dos elementos trazidos à cena, assim por diante.

Ao mesmo tempo que quebra barreiras, essa obra também trata de temas sociais importantes, como trabalho, capital e moradia, além de temas universais e existenciais, como morte e vida — e tudo isso a partir de formas clássicas, a poesia e o auto. A questão aí, portanto, são as torções autorais nessas formas, a maneira de jogar e compor com a tradição.

A relevância dessas operações e da obra é evidente, por exemplo, nas muitas releituras e criações intertextuais que dialogam com “Morte e vida severina”: passou, por exemplo, pelas mãos do poeta e músico Chico Buarque para uma adaptação para o teatro musicado, e habitou as telas de cinema e de televisão (*ver as Sugestões de referências complementares, no fim deste material*). Este é, portanto, um clássico da literatura brasileira que não cessa de se mostrar contemporâneo, urgente e latente, cujas discussões não pertencem só aos anos 1950, quando a obra foi escrita, mas ao Brasil de hoje.

Além deste poema fundamental, a edição também reúne outros livros de João Cabral publicados na década de 1950: *O rio*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*. Neste material, haverá um foco maior na abordagem de “Morte e vida severina”, dada a importância histórica dessa obra, porém espera-se que todos os poemas do volume sejam lidos e comentados pelos estudantes. As obras cabralinas daquela época têm em comum alguns elementos temáticos — como o rio Capibaribe, as regiões pernambucanas e seus biomas, a cidade do Recife, a seca, a morte, a paisagem —, mas também elementos estéticos, os quais inves-

tigaremos durante a leitura. As singularidades da obra de João Cabral também ficarão evidentes e serão exploradas nas propostas para compor uma riquíssima experiência poética.

Notar como se constroem os poemas é uma experiência importante para os jovens do Novo Ensino Médio. Mais do que isso, ler, comentar e fruir textos poéticos é fundamental para os estudantes desse segmento, sobretudo de um autor que expandiu o **gênero poético** e o levou a outros caminhos.

Arquiteto das palavras, João Cabral dedicava-se a um trabalho linguístico com rigor e precisão, por meio de experimentações formais e do olhar aguçado para o mundo e para a própria linguagem.

No entanto, a leitura desse gênero requer prática e familiaridade, e cabe à escola ajudar os jovens a navegar por esse universo. Ler poesia requer uma atitude diferente da que costumamos adotar diante de outros tipos de texto, mesmo os literários: a poesia causa estranhamento, desconforto e muitos questionamentos. Conforme Teresa Colomer (2007), o fato de, muitas vezes, o significado do texto poético não se revelar logo no primeiro contato obriga a um esforço interpretativo maior que o habitual em outras leituras. Esse esforço envolve aproximações sucessivas do texto, leituras cuidadosas, releituras, trocas de impressões, encantamentos. Tudo isso não é natural, mas pode ser aprendido e ensinado na escola, como vamos ver nas atividades propostas a seguir.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: O LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nas páginas seguintes, você encontrará algumas sugestões de atividades para trabalhar o volume *Morte e vida severina e outros poemas* com os estudantes do Novo Ensino Médio. Dividimos as propostas de atividades em *pré-leitura*, que indicará o que deve ser feito antes da primeira leitura do livro; *leitura*, parte que sugerirá encaminhamentos dentro e fora da sala de aula para acompanhar a apreciação do livro; por fim, *pós-leitura*, parte na qual você encontrará propostas de finalização e expansão da experiência com o poeta João Cabral de Melo Neto. Em cada uma dessas partes haverá mais de uma possibilidade de encaminhamento da(s) atividades(s), de modo que o leque de trabalho esteja sempre aberto, por isso não é necessário realizar todas as propostas com os estudantes. Procure contemplar esses três momentos da relação com o livro (*pré-leitura*, *leitura* e *pós-leitura*), dando prioridade para o meio, isto é, o processo de leitura. Selecione aquelas sugestões que mais se adequam à realidade e ao contexto no qual sua escola está inserida, pensando inclusive em como fazer adaptações para tornar o material mais acessível, inclusivo e coerente com as turmas.

Por se tratar de uma edição com diversos livros do poeta, não se recomenda que os estudantes leiam o volume todo em sala de aula, por isso alguns poemas podem ser lidos individualmente, como tarefa. Desse modo, priorizamos neste material a abordagem de um dos poemas que compõem o volume, “Morte e vida severina”. Passaremos por todos os outros poemas, mas teremos como ponto de partida “Morte e vida severina”, expandindo a leitura do livro todo a partir desse poema, como se os outros fossem afluentes desse rio principal tão severino, tão Cabral, tão pernambucano, tão icônico.

PRÉ-LEITURA

APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO CONTEXTO HISTÓRICO-ARTÍSTICO

No caso de obras clássicas da literatura brasileira, é fundamental localizá-las no panorama artístico, histórico e nacional. Tendo em vista a possibilidade de, no Novo Ensino Médio, relacionar a obra com outras produções artísticas

do período, dado o conhecimento histórico com o qual os estudantes já tiveram contato, sugerimos que eles façam uma apresentação contextualizadora antes de começar a leitura. Nela, podem estar contemplados o autor, seu legado para a literatura nacional, a obra no contexto histórico-artístico-geográfico no qual foi produzida, o contexto em si.

Para elaborar essa apresentação, você pode usar algumas das informações que estão na carta que abre este material, avaliando a progressão curricular, isto é, se está previsto que o currículo trate em outro momento das correntes modernistas e de seus autores, por exemplo, ou da poesia e do auto como gênero, bem como das temáticas relacionadas à história do Brasil e à geografia do estado de Pernambuco. Provavelmente, será preciso fazer um recorte de temas relevantes para a leitura e ter em vista que parte dos tópicos será tratada no processo; ainda assim, é sempre recomendável iniciar com o contexto de produção artística no qual uma obra está inserida. Vejamos como isso aparece na primeira habilidade de língua portuguesa indicada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Novo Ensino Médio:

[EM13LP01] Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

Outra sugestão interessante é pedir aos estudantes que leiam a introdução de Braulio Tavares, “A arte de ver e dizer”, ou considerá-la na atividade de apresentação contextualizadora.

Antes de dar início à leitura, é preciso fazer escolhas quanto à mediação e comunicá-las aos estudantes. Sugerimos que se opte por começar com “Morte e vida severina” fazendo uma leitura compartilhada. Depois, então, passar aos outros livros, numa leitura autônoma, feita pelos estudantes individualmente — o que não impede a mediação do professor, mas com menor interferência do que na leitura compartilhada. É fundamental justificar essa escolha aos estudantes, uma vez que “Morte e vida severina” não é o primeiro

livro que aparece no volume. Essa obra, justamente por destoar dos outros textos do livro do ponto de vista do gênero, por ter sido pensada para o teatro, merece uma leitura mais detida, com um acompanhamento guiado pelo professor. Além disso, também por se tratar de uma forma dramatúrgica, tem maior potencialidade para ser explorada na fala, na voz dos jovens. Ao mesmo tempo, ela trabalha diversos temas que serão abordados depois nas outras obras, então também serve como uma boa forma de iluminar e guiar as leituras autônomas que serão feitas depois.

ABORDAGEM DO TÍTULO E APROXIMAÇÃO COM A OBRA

Sabemos que o título é uma das facetas mais importantes de qualquer livro, pois muitas vezes resume aspectos que serão tratados na obra, outras vezes acrescenta camadas de significado que não são tão evidentes na narrativa e podem estar somente ali. No caso de “Morte e vida severina (auto de Natal pernambucano)”, ambos acontecem. É por isso que recomendamos dedicar tempo ao título, para construir com a turma hipóteses acerca da história.

É comum nos surpreendermos com concepções muito acertadas dos estudantes a respeito do que encontrarão no livro, mesmo sem conhecê-lo, ao ler apenas o título. Também, claro, indicarão outras hipóteses que serão descartadas ao longo da leitura. Não é papel do educador confirmar ou refutar essas primeiras impressões logo de cara, mas apenas instigar a percepção dos estudantes. Além disso, formulações de hipóteses que sejam muito acertadas fazem com que os leitores notem que detêm, em si, muito conhecimento acerca do mundo e que as ideias que os artistas desenvolvem em suas obras não surgem de um cérebro mágico artístico, mas sim da cultura. Dito isso, vamos então à apreciação dessa obra de João Cabral, tendo em vista a seguinte habilidade de Língua Portuguesa indicada na BNCC:

(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.

O nome da obra divide-se em duas partes, título e subtítulo. Se a primeira, “Morte e vida severina”, resume os temas mais importantes do poema, a

segunda, "(auto de Natal pernambucano)", traz elementos não tão evidentes e acrescenta uma camada a mais de significado.

Há diversas possibilidades de abordagens didáticas do paratexto. É possível, por exemplo, perguntar quais são as classes gramaticais que compõem o título, o que os fará perceber que se trata de três substantivos, sendo um deles adjetivado. Essa característica já traz, por si só, elementos fundamentais à leitura: ao usar o substantivo próprio *severino* como adjetivo, o poeta expõe uma dessubjetivação do nome próprio. Se qualquer um pode receber essa característica como adjetivação, se todos podem ser severinos, logo, não se trata do nome de um indivíduo, mas de um tipo de pessoa, um tipo de vida e de morte. Enquanto os estudantes forem expondo suas reflexões iniciais, seria bom haver certa sistematização das observações em lousa ou em cartaz, para que esses conteúdos fiquem expostos para toda a turma.

Em seguida, é hora de olhar para a antítese *morte* e *vida*, presente de forma escancarada no título. A presença de antíteses, como veremos adiante, é marcante durante o poema: além de morte e vida/nascimento, temos seca/terra e água/rio, entre outras. E essas oposições se darão em nível narrativo, evidentemente, mas também simbólico, e isso pode ser apontado logo nessa primeira troca de ideias.

Prossiga, então, para a análise do subtítulo. Verifique se os estudantes conhecem o conceito de *auto*; caso não conheçam será importante conversar sobre as expectativas acerca do gênero e o que sabem sobre ele, uma vez que João Cabral usa essa forma de teatro de forma transgressora, num gênero híbrido. Desse modo, se for necessário, é possível apresentar algumas definições desse gênero, destacando sua função moralizante e sua relação com a religião, retomando autores importantes para esse gênero, como Gil Vicente, por exemplo; ou então pedir para que os próprios estudantes pesquisem acerca do tema. Com base nessas referências, é possível que os estudantes esperem encontrar uma peça de teatro tradicional, o que não é um problema, como dissemos antes, pois trabalhar com concepções equivocadas ou predefinidas dos estudantes pode ter um efeito formativo: ao se darem conta de que aquele objeto não é o que esperam, há uma reorganização do conhecimento no choque entre expectativa/pré-concepção e estrutura real, e essa é uma das formas mais efetivas de aprendizagem. Tendo isso em vista, pode ser também que surja a ideia de que a história se passará na noite de Natal, algo que o começo e o meio da obra desmentirão. Durante

grande parte da leitura esse *Natal* do subtítulo pode causar estranhamento, e só no fim, quando Severino encontrar o nascimento, depois tantas mortes, é que o subtítulo fará sentido.

Por último, a palavra *pernambucano* localiza geograficamente a história. Nesse sentido, nesse momento de levantamento de hipóteses e conhecimentos prévios é fundamental ouvir o que se sabe na turma sobre essa região, caso vocês sejam de outra região do país. Há certas noções estereotipadas do homem nordestino que serão contestadas na obra, e também ideias correntes, como as atribuídas à seca e à pobreza, que serão reafirmadas, mas sob uma ótica humana, lírica e complexa. Então não devemos nos assustar ou nos apressar em negar quaisquer noções preconceituosas, mas seguir com calma e desconstruir-las durante a leitura.

LEITURA

A leitura de *Morte e vida severina e outros poemas*, por se tratar de uma obra curta, pode ser feita integralmente em sala. Por ser densa, recomendamos que você proponha aos estudantes uma leitura compartilhada, estimulando a discussão e a troca de ideias.

A **leitura compartilhada** acontece quando o professor lê e os estudantes seguem com o livro em mãos. É uma leitura que requer atenção ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e promove a relação do leitor com sua autoimagem.

Essa leitura feita com os estudantes tem, entre os muitos objetivos, a potencialidade de estimular uma relação mais aprofundada com a literatura, haja vista a seguinte habilidade, proposta pela BNCC para o campo artístico-literário:

[EM13LP46] Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Desse modo, ler com os outros e escutá-los gera tensões e diálogos bastante profícuos, estimulando a relação com a opinião do outro. Com esse tipo de dinâmica, que inclui o debate e a defesa do próprio ponto de vista, os estudantes costumam elaborar de maneira mais complexa suas próprias opiniões, desenvolvendo e aguçando suas perspectivas.

LEITURA EM VOZ ALTA DO 1º MONÓLOGO E DO 1º DIÁLOGO

Sugerimos que a leitura do poema seja iniciada em voz alta pelo professor. A partir daí, podem-se estabelecer combinados com a turma acerca de como será a divisão das falas nas etapas seguintes, de modo que eles também participem da leitura em voz alta.

O primeiro monólogo, “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”, é bastante icônico: é o momento em que Severino explica sua origem como homem, filho de Maria, assim como tantos outros. Sua constituição subjetiva, sua individualidade, nesse momento, aparecem dissolvidas em uma massa de homens iguais a ele, com o mesmo nome e cujas mães também chamam Maria, e o que o diferencia dos outros seria a filiação paterna, seu finado pai Zacarias. Ele também apresenta de onde vem, da serra da Costela, em Pernambuco, mas já próximo à Paraíba. De antemão, também já define como será sua morte, assim como a de tantos outros, uma morte severina, tendo em vista sua vida, uma vida de trabalho duro e pouca comida. No último período, anuncia ao leitor que migrará diante de seus olhos.

Existem diversas dinâmicas possíveis para encarar a leitura desse breve monólogo inaugural, e algumas serão sugeridas a seguir, mas sem dúvida se trata de um momento ao qual devemos nos ater.

Há duas questões que foram discutidas sobre o título da obra e que podem ser retomadas logo após a leitura desse monólogo. A primeira diz respeito ao gênero auto. Tendo havido uma pesquisa por parte dos estudantes, com certeza descobriram que esse gênero dramático tem origens medievais e uma finalidade moralizante — porém, logo na primeira página do livro, há uma referência ao leitor, e não ao espectador. Pode ser uma boa ideia questionar por quê. Trata-se de um poema ou de uma peça de teatro? Essas tensões podem ir sendo construídas durante a leitura, principalmente por meio da fala em voz alta. Não é preciso,

claro, obter uma resposta logo no começo para essas tensões. A segunda questão importante de abordar nesse primeiro monólogo e já tratada no título é o adjetivo *severina*. O professor pode pedir que sejam anotadas as primeiras características percebidas dessa morte e dessa vida severina em um caderno, e que essa anotação vá sendo retomada várias vezes durante a leitura, para ser mais desenvolvida. Logo nesse primeiro momento do poema, já será possível perceber algumas dessas características, como a fraqueza, a doença, a velhice precoce, a cabeça grande, a perna fina. Pode-se inclusive deter-se nos versos: “e iguais também porque o sangue/ que usamos tem pouca tinta” (p. 92). O que significa ter pouca tinta no sangue? Sangue é feito de tinta? Falamos de um sangue ralo, fraco? Mas como poderia ser ralo se aguenta tanto trabalho e dureza? Perguntas como essas estimulam debates estéticos potentes, interpretações mais aguçadas, e também ajudam a constituir leituras mais complexas.

Em seguida, outros estudantes devem ser convidados a ler o diálogo: “Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: ‘Ó, irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não’” (p. 93). Nessa parte, inauguram-se discussões potentes acerca da relação entre homem e natureza, tema ainda não abordado, mas que voltará ao longo da obra. Também aparece o primeiro morto do poema, e outros aparecerão na jornada de Severino. Esse, especificamente, foi morto por tiros de espingarda, numa emboscada. Era lavrador, como veremos que o personagem principal também é, na caatinga. A arma que o mata é comparada a uma ave com sua filha, a bala voadora. E essa metáfora da natureza, ao contrário do que pode acontecer em muitos poemas de outros autores, não vem para trazer beleza lírica ao objeto, mediante a comparação, mas consiste numa metáfora dura. Ao que tudo indica, o homem foi morto por querer expandir sua terra em meio à avareza dos grandes latifundiários, e isso pode não ficar claro aos estudantes durante a leitura — se não ficar, ajude-os a perceber essa relação, perguntando-lhes, por exemplo, como o personagem morreu, quem o matou, por que alguém o mataria, quais seriam os interesses envolvidos.

LEITURA DO DESENVOLVIMENTO DO POEMA

Da página 106 à 120, Severino vai da Zona da Mata ao Recife, seu destino final. Vai guiado pelo rio Capibaribe e depara, nesse caminho, mais vezes com a morte. Os enterrados são todos trabalhadores, cujo destino se apresenta tal qual

ele imagina que será o seu próprio: fins prematuros e sofridos, mortes severinas. Ao longo desse trecho da leitura, os estudantes perceberão algumas recorrências no plano estético, temático e estrutural.

Do ponto de vista da estrutura, o auto faz o percurso do rio, o que o leva a algumas regiões pernambucanas citadas no trajeto, como a Zona da Mata e o Recife. Na Zona da Mata, presencia um enterro que compõe um trecho icônico da obra: “Assiste ao enterro de um trabalhador de eito e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério” (p. 108). Do ponto de vista temático, apresenta-se uma das falas mais lembradas de *Morte e vida severina*: “é a parte que te cabe deste latifúndio”. É fundamental deter-se aí para uma apreciação de todo o poder e de tantas discussões encerradas nessa frase. Ao morto, a parte que lhe cabe daquele latifúndio é justamente sua cova, isto é, ele morre sem poder ter desfrutado da terra em que trabalhou, sempre cedendo sua força de trabalho aos latifundiários, donos da terra. Além de aparecer como seu destino, esse pedaço de cova aparece como a única chance desses homens severinos à posse, à propriedade:

- Será de terra
e tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.
- Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato. (p. 109)

Como vemos, se nem o nome do homem severino é dele — esse nome adjetivo, genérico, que muitos têm —, tampouco aquilo que produz lhe pertence: a terra é seu primeiro sapato. É recomendável que os estudantes continuem registrando a lista das características severinas nesse trecho da leitura.

Do ponto de vista estético, temos uma evidente musicalidade que acompanha todo o livro. O professor pode inclusive pedir que vários estudantes leiam os trechos em questão, para explorar as diferentes possibilidades de interpretação, já que estamos falando de teatro. Diferentes jovens com certeza trarão entonações pessoais a essa musicalidade.

Também pode ser um bom momento para tematizar elementos fundamentais da poesia, como métrica e rima, bem como a técnica tradicional para analisar esses elementos, a escansão. Uma sugestão é organizar a turma em gru-

pos e pedir que façam a escansão de diferentes momentos do poema, verificando assim como divergem, em termos formais, de um para o outro. Essas diferenças implicam diversos ritmos de leitura, em primeiro lugar, mas, para além disso, também interferem no significado. Dado o contexto do Novo Ensino Médio, é possível abordar discussões sobre arte mais complexas, relacionando forma e conteúdo para a produção de uma experiência estética.

Um exemplo ilustrativo: na Zona da Mata, quando Severino assiste ao enterro de um trabalhador de eito, há uma mudança interessante na forma como estão compostas as falas dos amigos do morto. Começa-se com estrofes de quatro versos, em seguida três, por fim, dois (p. 108-11). Esses versos estão compostos por um número variável de sílabas poéticas, de quatro a dez. Essencialmente, o que vemos, é uma composição que vai sendo comprimida, a cada parte, neste diálogo, cada um dos falantes emite uma estrofe menor do que a anterior.

Por conta dessa compressão, o diálogo vai ficando cada vez mais dinâmico e, pode-se dizer, mais dramático, levando a um dos momentos de maior tensão do livro, por esse diálogo que vai se encaminhando quase para um pingue-pongue entre as duas partes, num crescendo. Essa recurso, sem dúvida bastante musical, favorece um destaque dramático para essa parte do livro, e não à toa é uma das mais conhecidas, pois, além desses recursos, encerra em si questões fundamentais para toda a obra, como vimos anteriormente. Logo, forma e conteúdo se relacionam aqui de forma íntima para dar ênfase a esse grande momento da narrativa. Em nenhuma outra parte de “Morte e vida severina” o diálogo é composto de falas tão curtas, de duas estrofes; além disso, em seguida, temos um monólogo de Severino pensando sobre o que presenciou, o que indica a potência reflexiva da cena.

Ao chegar no Recife, Severino se põe a descansar ao pé de um muro alto e flagra a conversa de dois coveiros. Um deles trabalha num bairro rico da cidade, Casa Amarela, o outro num bairro pobre, Santo Amaro, e os dois discutem as vantagens e desvantagens de cada uma das regiões. Um dado interessante é que no Recife de hoje ainda é possível referir-se a esses dois bairros com tal conotação. A cena remete ao diálogo dos dois coveiros em *Hamlet* (ato v, cena 1), de William Shakespeare (1564-1616); então, caso essa outra peça fundamental da história do teatro seja conhecida pelos estudantes, o professor pode mencioná-la.

Sem dúvida, essa conversa entre os dois profissionais da morte é um momento crítico para Severino: ele faz uma longa viagem em busca de trabalho e, quando chega ao destino, e também ao longo de todo o percurso, encontra novamente a morte. Trata-se de uma morte narrada, dessa vez não presenciada, e ainda assim não lhe é animador ouvir o diálogo que descreve origens tão próximas a sua; é como se, fugindo da morte, Severino a acabasse encontrando. A diferença entre esses mortos trabalhadores e pobres e ele é a urbanização; em vez de lavradores, o coveiro de Santo Amaro enterra funcionários de fábricas e lojas, proletários, enfim.

Nesse ponto, tendo em vista o que já foi lido e o que ainda será lido, é conveniente fazer uma parada para abordar temas relevantes e recursos estéticos usados pelo autor, como a antítese e o paradoxo. Em primeiro lugar, por si só eles não são convergentes ou opostos. A antítese pode se dar em nível textual, se palavras com sentido contrastante são dispostas próximas uma da outra em uma mesma oração ou período, como “morte e vida” — o que não impõe um paradoxo, isto é, uma contradição em termos e em ideia. Em resumo, uma antítese em nível linguístico pode ou não se repetir em nível semântico, no campo do significado. No caso da obra em questão, temos os dois recursos presentes não só no título como na obra inteira.

A antítese “seca e rio” é estrutural: por exemplo, o personagem segue o fluxo do Capibaribe até o Recife na perseguição de um caminho que o leve para a vida e para escapar da morte. Apenas o signo água já traz consigo a vida, não é mesmo? Porém, nessa obra, como notamos no diálogo dos coveiros e no final, o rio Capibaribe carrega os corpos indigentes, fazendo essas vidas anônimas, severinas, dessubjetivadas, ainda mais apagadas. Logo, não é a vida, mas a morte que corre neste rio:

— O rio daria a mortalha
e até um macio caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal. (p. 118)

Trabalharemos mais adiante a complexidade simbólica desse rio na estética de João Cabral.

As antíteses vão sendo exploradas nessa obra tanto na micro como na macroestrutura e devem ser exploradas de alguma forma durante o trabalho. Temos, além de morte e vida, seca e água, o masculino e o feminino, a pobreza e a riqueza, a caatinga e o litoral, entre outras. É possível nesse momento trabalhar as figuras de linguagem ou retomá-las, mostrando seus diversos usos na poesia.

FINALIZAÇÃO DA LEITURA

Chegamos à parte final da leitura, da página 120 até a última cena. Severino já está no Recife e procura onde se instalar, e então descobre pessoas que habitam espécies de mocambos à beira do rio, as chamadas palafitas. Lá, conversa com um homem que veio de Nazaré da Mata, que fica na Zona da Mata, de onde também veio Severino. Esse homem, José, logo descobre que seu filho acabou de nascer e muitos de seus amigos vêm comemorar o nascimento.

Essa é uma parte da obra que contém antíteses e paradoxos bastante evidentes, então a discussão anterior pode ser aprofundada agora. Se possível, deixe que os próprios estudantes abordem esse tema. O primeiro contraste evidente é a insistência da vida perante tanta morte e pobreza — de alguma maneira, João Cabral busca um final mais esperançoso para uma obra tão dura. O segundo momento claramente antitético, também com uma possibilidade de leitura esperançosa, reside no discurso dos amigos que vêm visitar o recém-nascido. Esses homens, que reafirmam sua pobreza, trazem consigo presentes inestimáveis: letras em um jornal para cobrir o bebê e torná-lo doutor (um homem letrado); água de Olinda, da bica do Rosário; um canário que canta corrido; bolacha d'água que só se fabrica em Paudalho; boneco de barro de Tracunhaém; ostras do cais de Aurora; tamarindos da Jaqueira e jaca da Tamareira... Há uma riqueza exuberante nesses presentes, além da variedade, pois cada um vem de um local diferente, de onde saíram esses retirantes para morar na capital. Logo, temos um valor que não é monetário, mas que está no patrimônio simbólico que esses presentes representam. A vida se instaura nesse momento e se apresenta como algo “tão belo como um sim/ numa sala negativa” (p. 131).

Quando terminarmos de ler uma obra, é interessante participar de uma discussão aberta sobre as principais impressões, sobre seus sentimentos em re-

lação à obra, bem como sobre suas análises. Assim, tem-se a impressão da completude do que foi lido. As hipóteses podem ser confirmadas ou negadas, por exemplo, e é o momento de concluir certas leituras que foram sendo levantadas durante o percurso.

SUGESTÕES PARA A LEITURA DOS OUTROS LIVROS PRESENTES NA OBRA

Como explicamos no início, a sugestão foi trabalhar mais o poema “Morte e vida severina”, para que essa obra abrisse a relação dos estudantes com o autor e depois o professor se aprofunde nos outros livros. Diante dessa possibilidade, pode-se optar por uma leitura menos guiada daqui em diante. Vamos abordar algumas formas de viabilizar esse trabalho.

Uma possibilidade é organizar a turma em grupos e dividir entre eles os outros três livros que compõem o volume. Como dessa forma nem todos leriam a edição integralmente, cada grupo poderia apresentar o que leu para a sala, ou então se poderia promover um debate ou uma roda de trocas literárias. São muitas as possibilidades de compartilhamento da experiência. Seja como for, se essa opção for adotada, então o restante do livro fica como sugestão aos estudantes, mas não como obrigação, o que é uma boa abordagem das práticas leitoras, uma vez que tomará menos tempo didático, em primeiro lugar, e, em segundo, a turma terá variadas experiências com esse autor tão profícuo. Numa troca de ideias, nós, adultos, percebemos que, por não termos as mesmas referências leitoras, quando dialogamos com outros leitores, debatemos uns com os outros e enriquecemos nossa leitura. Além disso, com uma roda de trocas estaremos permitindo que o jovem tenha uma parcela de escolha. A seguir há algumas sugestões de atividade para cada um dos livros.

“O RIO”

Neste longo poema, são inúmeras as possibilidades de intertextualidade com “Morte e vida severina”, por isso a leitura a posteriori nos parece muito recomendável. Ao lermos, temos quase a impressão de que o rio é quem tem a oportunidade de contar a mesma história do seu ponto de vista, afinal, ele é o eu lírico. O Capibaribe narra seu curso, nesta linda obra, desde sua nascente até desaguar no mar. A precisão geográfica é tanta que não é de estranhar que o poeta

o tenha escrito com auxílio da mapoteca do Itamaraty, como lemos no texto que abre essa edição, “A arte de ver e de dizer”. O diálogo entre “Rio” e “Morte e vida severina” é tamanho que Braulio Tavares chega a afirmar que são “três estudos para um mesmo quadro”, incluindo aí o “Cão sem plumas”, que não está presente nessa edição.

Este “viajante calado” traça em seu curso a história dos homens que habitam suas margens, porém, a personalidade, a subjetividade, é dele. Se compararmos ao que ocorre com os personagens severinos do autor, temos um contraste interessante entre personificação do rio e dessubjetivação do humano. Mas as relações não param por aí, as antíteses, já anteriormente trabalhadas, aqui são muito intensas, como rio e pedra:

De onde tudo fugia,
onde só pedra é que ficava,
pedras e poucos homens
com raízes de pedra, ou de cabra. (p. 20)

O rio é essencialmente fluido, mas encontra no caminho pedras e pessoas de pedra, por quem ele passa e a quem ele supera.

É recomendável durante a leitura desenvolver com os estudantes comparações entre “O rio” e “Morte e vida severina”, tendo em vista o uso de antíteses e paradoxos, por exemplo, ou outros recursos e temas importantes na poética do autor.

Do ponto de vista formal, temos aqui versos que não seguem uma métrica preestabelecida ou regular, num esquema rítmico com rimas ricas e pobres: tem-se a fluidez do rio, apesar da dureza dos encontros. Além disso, busca-se uma forma mais popular de escrita, em consonância, claro, com a poética de João Cabral. É possível observar essa opção não só na escolha vocabular, mas também no uso intencional da repetição, ambos os recursos aproximando o poema do registro oral. Essa presença da oralidade também ajuda a compor a fluidez aquosa do poema: não ficamos a toda hora parando para compreendê-lo, seguimos o curso da leitura. Trata-se de uma obra em constante movimento e que, assim como Severino, nos leva por uma longa viagem.

PAISAGENS COM FIGURAS

Esse é o único dos livros da coletânea composto por vários poemas, e não apenas por um poema longo. Tendo isso em vista, pode-se optar por uma leitura autônoma dos estudantes ou ler alguns dos textos em sala, de maneira complementar à leitura compartilhada de *Morte e vida severina*. Uma sugestão para abordar os poemas de *Paisagem com figuras* é usar as atividades habituais: por exemplo, a cada dia, ou a cada semana, um dos poemas pode ser lido e comentado com a turma, sem que vocês se aprofundem muito. Isso pode ocorrer concomitantemente à leitura compartilhada de *Morte e vida severina*, e dessa forma é provável que se estabeleçam diálogos entre as obras. Seria uma maneira interessante de variar a modalidade de apreciação dos poemas, bem como de estimular com a poesia uma relação que seja diferente da que acontece com a prosa, ou seja, mais pontual e reflexiva, sem a necessidade de estender-se no tempo.

Neste livro, nem o Recife, nem o rio Capibaribe, nem os cemitérios e a morte desaparecem, mas estão bastante presentes, bem como outros recursos estéticos e temáticas que também estão em “Morte e vida severina”. Então, assim como foi descrito anteriormente, aqui também é possível estabelecer análises comparativas não só com o auto, mas também com o próprio “O rio”.

Do ponto de vista da forma, temos uma série de poemas em quatro estrofes, com estruturas métricas parecidas. Assim, durante a leitura, o professor pode promover pequenas rodas de discussão entre os estudantes que estiverem lendo este livro (o mesmo pode valer para os outros dois), a fim de que possam estabelecer características em comum na obra e no estilo do autor. Outra possibilidade é propor um debate entre os leitores dos diferentes livros, estimulando que os jovens contem como determinado elemento está sendo tratado no contexto da obra que estão lendo.

Uma das características próprias deste livro, em comparação com os outros, é a presença da Espanha, país onde João Cabral morou. Então, pode ser importante uma contextualização para os estudantes — isso pode ser feito pelo professor ou pela própria turma, com um deles responsável pela apresentação e contextualização dos elementos hispânicos.

“UMA FACA SÓ LÂMINA”

O mero contato com o título desse poema já traz aos leitores um paradoxo: como poderia ser possível uma faca só lâmina? Que ato seria esse de preservar apenas a lâmina de uma faca? De sua essência, daquilo que corta, eliminando o peso, a madeira, até mesmo o gesto, resta só o corte. Nessa última parte da obra, temos uma das composições mais icônicas de João Cabral de Melo Neto.

Por ser um livro curto e desafiador, uma sugestão é trabalhar com a leitura compartilhada em sala, atentando para os recursos de linguagem e a interpretação do poema. Caso o professor prefira propor a leitura autônoma, provavelmente será necessário apoiar os estudantes na leitura. Tanto em um caso como no outro, é importante discutir as escolhas estéticas feitas pelo autor, como dividir o poema por letras em ordem alfabética, chegando apenas até o I, ou então compor estrofes sempre de quatro versos. Sugere-se que sejam usados suportes para o levantamento de hipóteses durante a leitura, seja um mural na lousa, o próprio caderno, ou ferramentas digitais, como fóruns online e murais de anotação colaborativa.

Ajude os estudantes a perceber que a poesia de João Cabral consiste numa construção substantiva, isto é, metafórica e concreta: podemos ver nesse momento de sua obra que ele não é afeito ao uso de adjetivos e que sua estética se edifica no uso de imagens paradoxais, impossíveis, que têm uma potência artística infinita. Essa concretude afeita ao substantivo e à imagem pode ser constatada, por exemplo, na estrutura quadrada, quatro por quatro versos, organizada na ordem alfabética.

PÓS-LEITURA

Sem dúvida, este é um momento importante para retomar as discussões, reafirmar hipóteses, tirar as dúvidas que ainda persistem e sistematizar os aprendizados dos estudantes. A seguir, apresentamos algumas sugestões de encaminhamentos mais dirigidos para o momento de pós-leitura. Não deixe, contudo, de fazer no fim da leitura do volume uma discussão de impressões mais simples e livre, na qual os estudantes possam se colocar de maneira mais subjetiva diante do que estudaram — isso também é importante para relacionar os conteúdos ao aspecto afetivo da aprendizagem.

APRESENTAÇÃO DAS OBRAS LIDAS

Caso opte por fazer a leitura de “O rio”, *Paisagem com figuras* e “Uma faca só lâmina” como foi sugerido neste material, isto é, dividindo as turmas em três grupos, cada uma se dedicando a um desses livros, então, no fim, é importante decidir como essas experiências serão apresentadas para o grupo.

É possível optar por conduções mais abertas ou mais fechadas para esse compartilhamento, como cada grupo escolher como apresentar a leitura do livro, ou o professor propor a forma da apresentação. Seja como for, mesmo nessas variáveis, há algumas maneiras de promover o compartilhamento. Seguem-se algumas sugestões:

Seminário expositivo: os estudantes podem expor a leitura que fizeram, contando como foi sua experiência, mas também escolhendo elementos para tecer uma análise e apresentar uma interpretação do(s) poema(s) lido(s), com um suporte visual.

Leitura compartilhada: pode-se propor aos grupos uma leitura compartilhada de trechos dos livros, ao estilo de uma aula, na qual eles promovam discussões, façam perguntas, apresentem suas interpretações.

Resenha audiovisual: os estudantes podem criar um vídeo, ao estilo dos *booktubers*, recomendando a leitura da obra e fazendo comentários sobre João Cabral de Melo Neto.

É importante que, em qualquer dos caminhos escolhidos, os grupos considerem a necessidade de contextualizar o interlocutor e também de analisar o material literário que leram.

PRODUÇÃO POÉTICA

Outro recurso fundamental para formar leitores é colocá-los no papel de escritores, pois assim têm oportunidade de notar os recursos tão complexos dos quais um escritor lança mão ao produzir suas obras.

Após a experiência da leitura do volume *Morte e vida severina* e as impressões que a obra de João Cabral de Melo Neto causou nos estudantes, o professor pode propor uma produção poética individual. Os estudantes podem produzir, por exemplo, um poema livre que tenha como referência os recursos da antítese e do paradoxo na construção das imagens. Ou então, caso prefira direcionar um pouco mais, mas ainda assim exigindo criatividade dos estudantes, pode-se

solicitar a escrita de um poema sobre algum rio que passe na cidade em que eles moram, ou de onde vieram — um poema que seja inspirado não só em “Morte e vida severina”, mas também em “O rio”. No caso de São Paulo, por exemplo, seria uma proposta bem interessante, pois há muitos rios que estão escondidos sob o concreto, e os autores teriam de se perguntar como seria o ponto de vista de um rio que não pode ver a luz do sol, que foi tampado para que os homens pudessem passar por cima dele sem se molhar.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: O LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Morte e vida severina e outros poemas sem dúvida é um livro que permite diversas intertextualidades com áreas do conhecimento diversas, que envolvem componentes curriculares como Geografia, História, Sociologia e Arte, entre outras. Desse modo, a seguir indicaremos algumas possibilidades de trabalho intertextual.

PRÉ-LEITURA

APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO CONTEXTO HISTÓRICO-ARTÍSTICO

Anteriormente, neste material, indicamos a possibilidade de fazer atividades de pré-leitura com base em contextualização histórico-artística da obra. Essa proposta pode ser feita apenas nas aulas de língua portuguesa, mas pode também contar com a colaboração dos professores de História, Geografia ou Sociologia.

Há alguns temas importantes para compreender a obra e que podem ser abordados em diálogo com outras áreas, como migração, história de Pernambuco, geografia da região. Essa aproximação com a obra de João Cabral pode ser feita pelos estudantes, ao realizar pesquisas e apresentar para a turma.

LEITURA

CONSTRUÇÃO DO MAPA POÉTICO DE PERNAMBUCO

Em “Morte e vida severina”, assim como em “O rio”, João Cabral insere muitas referências geográficas, citando cidades pelas quais os personagens Severino e Capibaribe passam, e desenhando o curso desse rio que vai do interior do estado até desaguar no mar, no Recife. O componente curricular de Geografia tem muito a ganhar na interlocução com língua portuguesa nesse momento, pois pode tematizar tanto a hidrografia como a composição geográfica do estado e seus biomas.

Propõe-se que, nas aulas dos dois componentes curriculares, os estudantes construam um mapa de Pernambuco que seja, além de correto do ponto de

vista geográfico, também um mapa poético. Durante a leitura, é preciso que os estudantes estejam atentos aos elementos que serão usados nessa construção, anotando informações importantes. Nesse percurso, os estudantes devem pensar em incluir elementos não apenas da realidade, mas também da ficção, como as mortes que Severino vai encontrando no caminho, no caso de “Morte e vida severina”, ou então as descrições poéticas presentes em “O rio”.

Por essa proposta ter uma estrutura complexa, pode ser mais interessante que seja feita em grupos, e não individualmente. Do ponto de vista dos recursos para a construção, pode-se usar tanto plataformas digitais como instrumentos e materiais não digitais, mais ou menos elaborados e complexos. As aulas de Geografia podem apoiar a atividade ao ajudar a turma a compreender a melhor forma de fazer esse mapa poético.

Um trabalho como esse dá ensejo também para a abordagem de um dos biomas mais ricos que temos no Brasil: a caatinga. Em *Morte e vida severina e outros poemas*, a caatinga aparece nominalmente, como pano de fundo e até como personagem, interagindo com o homem a partir de sua força. Esse bioma exclusivamente brasileiro é conhecido por seus períodos de seca, mas é riquíssimo em termos de vegetação, fauna e flora.

É corrente a visão de que a região Nordeste é completamente tomada pela seca, e essa noção sem dúvida reafirma estereótipos acerca das pessoas que habitam a região. Então, ajudar os estudantes a ver a riqueza do local, explorando toda a sua potencialidade, sua beleza e exuberância, pode ajudar na desconstrução de visões preconceituosas. No contexto da produção do mapa, além de trabalhar com a hidrografia, é possível inserir características do bioma, aumentando a complexidade da tarefa aos estudantes do Novo Ensino Médio e oferecendo uma possibilidade de contato maior entre a poesia e a geografia.

Por fim, é importante lembrar que esse tipo de situação é bem propício para uma posterior exposição do material feito pelos estudantes, para que outros colegas depois possam conhecer as produções — deixando evidente que o que é feito em sala de aula interessa a outras pessoas, para além daquelas quatro paredes.

AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA EM PERNAMBUCO

No poema “O rio”, mas também em outros momentos da obra em questão, aparece a figura das usinas de cana-de-açúcar como um ambiente de trabalho que não promove as melhores condições aos empregados:

Na vila da Usina
é que fui descobrir a gente
que as canas expulsaram
das ribanceiras e vazantes;
e que essa gente mesma
na boa da Usina são os dentes
que mastigam a cana
que a mastigou enquanto gente;
que mastigam a cana
que mastigou anteriormente
as moendas dos engenhos
que mastigavam antes outra gente;
que nessa gente mesma,
nos dentes fracos que ela arrenda,
as moendas estrangeiras
sua força melhor assentam. (p. 35)

Nesse trecho, não só os homens, mas as usinas têm dentes, e ambos mastigam a cana, que também mastiga a gente. Homem e natureza indiferenciam-se, sendo ambos explorados pelo trabalho, pelos dentes da usina. Além disso, João Cabral também faz referência às moendas dos engenhos, trazendo à tona narrativas de um Brasil escravagista que talvez ainda carregue marcas desse terrível período de exploração.

Do ponto de vista histórico, na passagem do século XIX para o XX, o plantio da cana-de-açúcar passa por um processo de industrialização que modifica não só as técnicas de extração do açúcar, mas também o trabalho. Como sabemos, conforme o século XX vai avançando, também os homens e as mulheres que atuavam nas fábricas lutam para obter leis que amparem condições justas de trabalho. O caso da cana-de-açúcar é emblemático por ter contado durante um período grande da história com a exploração da escravidão e por esconder, até hoje, condições subumanas às quais são submetidos seus empregados.

No caso do estado de João Cabral de Melo Neto, o cenário se configura da seguinte forma:

A partir de 1871, houve uma mudança gradual na agroindústria açucareira em Pernambuco, com a decadência dos antigos engenhos banguês (que produziam um açúcar de cor escura, mascavo) e sua substituição pelos en-

genhos centrais e usinas. Foram poucos os engenhos banguês que conseguiram sobreviver até a segunda metade do século XX. (GASPAR, s. d.)

Para interpretar esse trecho, precisamos saber o que são os engenhos banguês: são aqueles movidos por tração humana, não industriais. Desse modo, vemos que eles foram sendo substituídos pelas usinas, mas não deixaram de existir. Não à toa, Severino, em “Morte e vida severina”, ilustra muito poeticamente essa situação, ao chegar na Zona da Mata:

Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um banguê velho em ruína. (p. 107)

Como observamos, ele vê não só o bueiro da usina, mas o banguê em ruínas. Porém, não se trata de uma passagem otimista para a industrialização e urbanização, mas pelo contrário, como vemos no auto de natal pernambucano.

Os professores de História e Sociologia podem dialogar com a poética de Cabral e complexificar a leitura da obra. Em uma aula pontual, durante a leitura de “Morte e vida severina”, a interferência do docente de história pode potencializar uma releitura e reinterpretação dos trechos nos quais aparecem o trabalho com a cana, além de ajudar a compreender as passagens que ainda aparecerão e que mencionam o tema. Essa aula também ajudará na leitura de “O rio”, mais adiante.

Se fizer sentido abordar mais longamente esse ponto de interdisciplinaridade, vocês podem pensar como hoje estão empregados os cortadores de cana e se suas condições de trabalho de fato melhoraram.

Sugere-se, por fim, explorar a palavra *banguê*, que denomina, junto com a palavra *engenho*, tipo de trabalho; porém, sozinha significa uma série de diferentes coisas. Vejamos como aparece no *Dicionário Michaelis*:

1 Espécie de liteira rasa com teto e cortinado de couro, para o transporte de mulheres, enfermos e crianças.

2 Nos engenhos de açúcar, espécie de padiola de cipós trançados em que se leva o bagaço da cana para a bagaceira.

3 Padiola grosseira, para condução de materiais de construção.

- 4 Padiola para transportar cadáveres.
5 Canal ladrilhado pelo qual, nos engenhos de açúcar, escorre a espuma, que às vezes transborda das tachas por ocasião da fervura.
6 Cocho para curtir peles ou fazer decoada.
7 Engenho de açúcar, de sistema antigo, movido a tração animal.
(Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=jkP8>. Acesso em: 23 set. 2020.)

Assim, banguê não transporta somente o bagaço da cana, mas o bagaço do homem, seu cadáver. A palavra tem, portanto, uma potência polissemântica enorme e muito condizente com a obra de João Cabral.

O escritor José Lins do Rego (1901-57) já havia explorado em 1934 esse poderoso significante em seu romance que leva justamente este nome: *Banguê*. O autor retrata, nessa e em obras anteriores, personagens que trabalhavam em engenhos de cana-de-açúcar e suas agruras. Pode ser um momento interessante para apresentar esse importante autor brasileiro nas aulas de língua portuguesa e fazer referência a sua literatura, incluindo *Menino de engenho* (1932) e *Doidinho* (1933), duas outras obras suas que tratam desse tema.

PÓS-LEITURA

MIGRAÇÃO

Um dos grandes temas da terceira geração modernista, do qual faz parte João Cabral de Melo Neto, é a migração — principalmente a desses sujeitos a quem se denomina *retirantes*, que saem da terra natal muitas vezes empurrados pela seca e pelas condições de trabalho, em busca de formas de viver. Podemos ver personagens como esses em diversas obras literárias brasileiras, como *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953); *Luzia-homem*, de Domingos Olímpio (1851-1906); *O quinze*, de Rachel de Queiroz (1910-2003) — e também nas artes plásticas, como no quadro *Retirantes* (1944), de Candido Portinari (1903-62).

No entanto, nem sempre quem migra se retira de maneira tão voluntária; existe a resistência a sair, a deixar as origens, claro, como na música de Luiz Gonzaga (1912-89), “Último pau de arara”, na qual se retrata o orgulho da terra em que se nasceu e o desejo de permanecer, de não migrar: “Só deixo o meu Cariri / no último pau de arara”. Ou então, o desejo de voltar, quando um dia se afastou das origens, que aparece na música de João Gilberto “Eu vim da Bahia”: “Eu vim da Bahia/ Mas algum dia eu volto pra lá”.

Desse modo, os desejos que movem as pessoas e fazem com que elas tenham de abandonar sua casa não são os mesmos; não existe um sujeito que migra, mas muitos sujeitos migrantes em todo o mundo. Assim, o diálogo entre as artes — que trazem para o indivíduo essas tensões sociais — e a teoria sociológica é muito potente para ampliar a visão de mundo dos jovens.

Nessa perspectiva de ampliação do repertório, de compreensão mais apurada da realidade e de diálogo entre os campos de conhecimento, há possibilidade de realizar grandes atividades, ou projetos, ou sequências, incluindo mais de um componente curricular. Sugerimos algumas propostas que podem ser escolhidas pelos professores de Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte. Elas estarão separadas por temáticas, mas corresponderão a modalidades didáticas diversas também.

Migração nordestina na década de 50: o fenômeno da migração nordestina nos anos 1950 no Brasil não foi isolado ou episódico. Entre 1950 e 1960, a cidade de São Paulo recebeu 1 milhão de migrantes, o que representava 60% do seu crescimento (DUARTE, 2010). Essa movimentação se explica a partir de uma sobreposição de fatores que não podem ser simplificados — se, por um lado, a seca poderia de fato estar impondo esse tipo de saída de algumas regiões do Nordeste, por outro as cidades que receberam essas pessoas estavam em pleno crescimento e necessitavam de mão de obra. Desse modo, não podemos falar de migração nordestina sem falar das necessidades impostas pela urbanização. Assim, após a leitura de *Morte e vida severina e outros poemas*, estando os estudantes sensibilizados para um olhar mais singular e subjetivo acerca desse contexto, o professor de História pode vir a tematizar quais foram os motivos que fizeram com que, especificamente naquele período histórico, houvesse um parte da população nordestina de mudança para os centros urbanos. Estamos falando do segundo governo de Getúlio Vargas (1951-4), de um momento de tensão nacional, prévio ao golpe militar e cheio de instabilidades.

Ler, sobre o segundo governo Vargas, texto no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV):
<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Militares>.

Nesse contexto investigativo, parece adequado sugerir uma sequência didática que tenha como ponto de partida perguntas como: O que levou os migrantes nordestinos na década de 1950 a migrarem? Para onde foram e por que seguiram para essas regiões? Como as cidades acolheram essas pessoas? A partir desse ponto de partida, os estudantes podem começar investigações de materiais teóricos, acompanhados do docente, e aos poucos irem fazendo novas e mais profundas perguntas, até chegarem a respostas, mesmo que parciais, para o problema. Ao final, uma importante intervenção didática seria trazer essa reflexão para a atualidade, a fim de que os jovens reflitam se essas migrações ainda ocorrem no nosso país e como elas estão presentes, em caso positivo. Por fim, proponha uma volta ao poema de João Cabral, para uma releitura que traga novas discussões acerca do poema e estimule os estudantes a compreenderem-no de maneira mais ampla, aprofundando as reflexões sobre os personagens.

Movimentos migratórios no Brasil hoje: a partir de uma perspectiva de atualização do drama de Severino, os estudantes podem fazer pesquisas para descobrir como se dá a migração hoje no Brasil. Quem são os sujeitos que migram neste momento e por quê? Quais são as diferenças entre esses movimentos hoje e no século passado? A turma toda pode pesquisar esse tema de maneira ampla ou então os estudantes, organizados em grupos, podem dividir a pesquisa considerando as regiões do país, para compreender como a migração se dá em cada contexto. Será preciso oferecer apoio nessa pesquisa, e o corpo docente pode fornecer material teórico, por exemplo, enquanto os jovens buscam mais fontes jornalísticas, comprometendo-se também com a proposta. Como produção final, uma sugestão é que os grupos façam apresentações para toda a turma, ao estilo de aulas, caso cada um produza seus trabalhos com base em diferentes pontos de vista. Ou então, caso todos tenham feito suas pesquisas a partir dos mesmos objetos, o professor pode solicitar produções de textos em grupo ou individuais. Por fim, ou como alternativa a esse trabalho, os estudantes podem planejar e produzir obras artísticas que respondam à seguinte pergunta, de maneira mais subjetiva: quem são os migrantes hoje? Para isso, uma ferramenta interessante é recorrer a entrevistas, que demandam uma compreensão da perspectiva individual dos homens que migram hoje e que podem ser transformadas em produções poéticas, musicais, visuais ou audiovisuais que explorem esses temas em toda a sua complexidade.

Muitos dos discursos que circulam socialmente hoje, e que circularam no passado, sobre o sujeito migrante e imigrante baseiam-se em preconceitos e ignorâncias acerca de sua condição. Então, é necessário avaliar essas noções preconcebidas de óticas mais complexas, ajudando os estudantes a compreender esse tipo de situação sem leviandade e sem incorrer em estereótipos.

Outra possibilidade abarcando qualquer uma das temáticas listadas anteriormente é a proposição de um debate sobre migração e/ou imigração, no qual os estudantes tenham de discutir, de pontos de vista diversos, como lidar com os problemas que os movimentos migratórios geram e como acolher bem os migrantes no país. Essa é uma polêmica atual, que envolve países como Venezuela e Brasil, dividindo opiniões. É, portanto, um tema ideal para instigar os estudantes do Novo Ensino Médio a se relacionarem com a realidade a partir de uma experiência literária, tendo que lidar com problemas de alta complexidade que não apresentam soluções fáceis. Como vemos na BNCC, trata-se de uma intenção colocar os jovens em propostas como essas, para estimular a seguinte habilidade da área de Linguagens e suas Tecnologias:

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

Para a condução de um debate como esse, é preciso haver preparação. É comum que os estudantes pensem que não é necessário planejar o que vai ser falado, que o planejamento seria algo essencial apenas para a escrita. No entanto, como é possível ver em diversas situações de oralidade, como palestras, aulas e debates, a preparação e o planejamento são indispensáveis e ajudam a desenvolver as habilidades orais. Para isso, vale um ensaio, como fazer pesquisas prévias e preparar um texto que sirva como apoio para o momento, entre outras técnicas. Seja como for, não será possível que todos os estudantes participem como debatedores, então o professor pode organizar grupos de apoio, de forma que os que não falarem devem ajudar na preparação da fala e no ensaio. Como veremos a seguir, habilidades orais estão previstas na BNCC:

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em

questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

Nesse tipo de situação, vale a pena permitir que os estudantes envolvidos defendam pontos de vista que não coincidem com os dos professores. Assim eles se sentem à vontade para se expressar e não se sentem expostos; além disso, é importante que de fato haja diferentes pontos de vista no debate e ninguém se sinta coagido a posicionar-se de determinada maneira. Por último, mas não menos importante, a pluralidade de visões é enriquecedora para o sujeito, por possibilitar uma visão mais abrangente acerca dos problemas sociais.

Ainda no contexto dessa proposta de debate, para finalizar a atividade, sugerimos a escrita de um artigo de opinião. Esse gênero argumentativo se beneficia muito dos debates, uma vez que só pode existir mediante uma questão polêmica: pontos pacíficos não geram opiniões conflitantes, não demandam argumentação para serem defendidos. Assim, ao final dos debates, proponha aos estudantes a escrita de um artigo defendendo um dos pontos de vista apresentados pelos debatedores, incluindo no texto suas perspectivas sobre o assunto. Uma possibilidade interessante, nessa proposta, é que os debatedores não defendam o ponto de vista que representaram na ocasião do debate, de forma que eles tenham de pensar sob óticas diversas. É claro que a proposta deve ser comunicada para a turma desde o começo do planejamento para o debate, para que todos possam colher informações ao longo do processo.

Como foi possível notar, o tema da migração e imigração é deveras abrangente e pode sem dúvida incluir muitas outras propostas que não estejam aqui elencadas, pois permite atividades significativas e complexas. Além disso, pode ser trabalhado interdisciplinarmente.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA

O grande poeta recifense João Cabral de Melo Neto publicou seu primeiro livro, *Pedra do sono*, em 1942 e seu último, *A educação pela pedra e depois*, em 1997. Sua obra, pela singularidade das temáticas e pelo ineditismo formal, marcou a história da poesia brasileira e expandiu nossa compreensão sobre o gênero.

Morte e vida severina e outros poemas reúne sua poesia publicada na década de 1950 e marca do começo da produção desse pernambucano. Nessa fase, já percebemos diversas características que depois se reafirmarão com ainda maior consciência, como um dos traços autorais mais prementes do autor: a aspereza de sua composição (como ele fala em uma entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S4D26DIxQ94&ab_channel=Picilone. Acesso em: 17 out. 2020), aspecto esse que ele diz ficar evidente na dificuldade da leitura em voz alta. Nesse sentido, assim como seus colegas modernistas da Geração de 1945, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, ele se opõe às características mais óbvias e tradicionais do gênero literário ao qual pertencem seus escritos, isto é: o lirismo.

Em termos históricos, o surgimento da poesia pode ser buscado na origem dessa palavra, que vem de uma derivação da palavra *lira*, instrumento musical grego que acompanhava as declamações dos aedos. A poesia e a música teriam origens comuns que as aproximariam, como o ritmo expresso na métrica e na rima.

É com essa tradição apegada às características clássicas, como o soneto, que o poeta recifense dialoga, colocando-se em oposição a ela, questionando as pedras angulares da poesia. Sua procura por uma voz autoral passa por uma negação do gênero como reprodução de uma fórmula lírica pronta e busca a invenção de uma forma própria, crítica às premissas poéticas.

Antes de prosseguir, porém, faz-se necessário observar uma aparente incongruência no discurso do poeta em relação à potência musical de sua escrita. Em sua mais conhecida obra, *Morte e vida severina*, a musicalidade é tão evidente que virou de fato canção nos ouvidos de Chico Buarque. O que ocorre nesse caso é que, desde sua origem, o poema foi pensado para o teatro, outra linguagem artística na qual o que é escrito é necessariamente falado e alcança corpo

através do ator e sua fala. Desse modo, o poeta busca na composição uma fala mais próxima à oralidade e à musicalização — de uma maneira mais intensa do que fará em seus livros posteriores.

Seja como for, percebemos que parcelas significativas dos poemas de João Cabral exploram a musicalização como recurso estético. Entretanto, devemos atentar que estamos trabalhando com uma das primeiras fases da construção da obra do poeta e que, portanto, as bases de sua estética ainda estavam em construção. Portanto, talvez ainda não houvesse uma oposição tão clara à lírica. Ainda assim, ele se utilizará da musicalidade, mas de uma forma inusitada e não prevista, como observamos nas últimas duas estrofes do poema “Vale do Capibaribe”, do livro *Paisagem com figuras*:

É uma luta contra a terra
e sua boca sem saliva,
seus intestinos de pedra,
sua vocação de caliça,

que se dá de dia em dia,
que se dá de homem a homem,
que se dá de seca em seca,
que se dá de morte em morte. (p. 66)

Como vemos nessa belíssima passagem, altamente rítmica, a musicalidade está composta aqui de maneira inusitada e livre das formas clássicas, sendo mais investida na segunda estrofe do que na primeira, por exemplo, e repleta de oralidade e linguagem cotidiana.

Não se apegar às tradições líricas e opor-se a elas, no entanto, não significa, no caso de João Cabral de Melo Neto, uma negação do rigor formal. Pelo contrário, o que vemos em sua poesia é a criação de uma estética rigorosa em termos formais, que está a favor não da inserção em uma tradição ou uma corrente literária, mas sim da concepção de uma poética própria, cujos pilares de sustentação foram construídos pelo próprio autor num esforço investigativo intenso, numa busca incessante até o último dia de vida. O rigor que encontramos em João Cabral diz respeito a uma lealdade ao próprio fazer artístico, às características que compõem sua construção, à edificação de sua visão de mundo e de sua posição artística em relação aos pares.

Passemos agora às características que são bases dessa composição. Para isso, chamamos outro grande mestre nacional, o crítico literário Alfredo Bosi (2017, p. 502):

Abandonando nos livros que se seguiram a “Pedra do sono” os resquícios surrealistas deste, Cabral de Melo Neto passou a realizar, desde “O engenheiro” e “Psicologia da composição”, um verso substantivo e despojado que, se parecia partilhar com os formalistas de 45 o rigor métrico, na verdade instaurava um novo critério estético, o rigor semântico, pedra de toque da sua radical modernidade.

Nesse trecho, Bosi faz uma imagem panorâmica das primeiras fases do poeta e afirma que o rigor semântico é o aspecto que torna a poesia de João Cabral inédita a partir de 1945. Certamente, esse rigor que se encontra no campo do significado advém de escolhas no campo do significante. Essa investigação vocabular na busca impecável pelas palavras mais adequadas ao sentido do que está sendo construído, essa composição dura e tão singular, expressa-se, por exemplo, nas metáforas presentes em “Uma faca só lâmina”. Esse poema não só ilustra a precisão da poética de Cabral, mas também discorre alegoricamente sobre sua escolha estética: afinal, o que poderia ser mais preciso do que uma faca que é apenas sua lâmina? A literatura do autor é também assim, precisa; na busca de um significado essencial e de significantes que traduzam essa essência, numa lapidação formal e semântica, chega-se a um estado de precisão alegorizado na imagem de uma faca que se compõe apenas da lâmina, pois o que sobra é apenas a ação, o corte sem corpo “cujo muito cortar/ lhe aumenta mais o corte” (p. 142).

Também observamos essa precisão no uso das classes gramaticais, por exemplo, com a presença de substantivos para efeitos adjetivantes, como em *Morte e vida severina*, poema no qual ele busca a criação da própria adjetivação, utilizando-se de um nome próprio, *severino*, o qual é qualificado ao longo de todo o auto. É quase possível afirmar que a maior potência dessa obra é a criação de uma palavra, a invenção de *severino* como um adjetivo que contém em si inúmeros significados que vão ficando evidentes ao longo da obra.

A poética pétreia de João Cabral também aparece na métrica. É recorrente a escolha de estrofes quadradas com quatro versos cada uma — estruturas geométricas que aparecem em todo “Uma faca só lâmina” e em quase todos os

poemas de *Paisagens com figuras*. Essa forma é constituída por versos que também são compactos, versos curtos, que dificilmente ultrapassam nove sílabas poéticas.

Essa poesia, de todas as poesias “a mais voraz e gráfica” (p. 147), alcança em sua geometria uma força própria e na densidade de sua estrutura “feroz pernambucana” (p. 147) abre espaços para o leitor que se propõe a encará-la, permitindo que ele se relacione com sua estrutura pétreia.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

A seguir, serão indicadas algumas referências de diferentes campos artísticos para trabalhar a obra de João Cabral de Melo Neto. Trata-se de possibilidades de diálogo com a obra e que oferecem oportunidade de ricas intertextualidades.

Animação: *Morte e vida severina*. Direção: Afonso Serpa. Brasil, 2012,

55min17s. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=al0XpuFX8yo&feature=emb_logo.

Acesso em: 17 out. 2020.

Em 2012, *Morte e vida severina* ganhou uma belíssima adaptação para o audiovisual com uma animação homônima. Numa estética que remete à xilogravura, a produção da TV Escola em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco capta o lirismo e a dureza do auto pernambucano. O ator cearense Gero Camilo dá voz ao narrador-personagem.

A animação foi uma das finalistas na categoria Educação Continuada do Japan Prize 2013, concurso internacional voltado à mídia educativa.

Álbum: *Morte e vida severina: trilha sonora da peça teatral*. Philips, 1966.

Em 1965 foi apresentada pela primeira vez a mais famosa encenação de *Morte e vida severina*, no Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Tuca, PUC-SP). Contando com a participação de Chico Buarque para musicá-la, a peça fez tanto sucesso que viajou para a França e diversas cidades em Portugal. Hoje, não temos acesso às gravações audiovisuais dela, mas na internet podemos encontrar arquivos com o áudio do álbum musical. No site do Tuca, há imagens referentes à encenação, como sinopse, documentos do *backstage* e repercussão na imprensa da época: <http://www.teatrotuca.com.br/50anos/morte-e-vida-severina.html>. Acesso em: 24 out. 2020.

Dança: *O cão sem plumas*. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=2owRW_VRzcY.

Acesso em: 17 out. 2020.

Em 2018, a Companhia de Dança Deborah Colker montou uma adaptação do poema “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto. Apesar

de não estar na edição *Morte e vida severina e outros poemas*, esse poema importantíssimo do escritor compõe, junto com “O rio” e “Morte e vida severina”, uma tríade de obras acerca do Capibaribe. Desse modo, é fundamental que o professor ao menos se refira a esse importante poema.

Filme: *Morte e vida severina*. Direção: Zelito Viana. Brasil, 1977, 85 min.

Trata-se de uma leitura mais antiga da obra, mas que contempla, além do clássico auto de Natal, também o poema “O rio”. É o que nos conta o próprio diretor na seguinte notícia, que pode ser lida também em uma proposta de intertextualidade:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110199910.htm>.

Acesso em: 24 out. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo: Cultrix, 2017.

Nesta obra, o professor e crítico literário Alfredo Bosi nos oferece, de maneira concisa, um panorama do rico cenário literário de nosso país. Além disso, também adentra as características principais dos nomes que compõem diversas épocas da nossa história, desde o Brasil Colônia até as tendências contemporâneas do fim do século xx.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros como para debater sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Num dos livros mais importantes para pensar a docência no âmbito da leitura e da escrita, a autora aborda os limites da instituição escolar para o desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita, nos ajudando

a pensar como ultrapassá-los. Além disso, fornece nesta obra instigante e questionadora vários exemplos inspiradores que podem contribuir para a prática diária do ensino.

OLSON, David; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1997.

O livro faz parte da coleção Múltiplas Escritas, coordenada por Emilia Ferreiro. Neste volume, destacados estudiosos examinam as relações entre oralidade e cultura escrita, ressaltando as diferentes maneiras pelas quais os recursos da fala e da escrita atendem a objetivos especiais. Uma leitura densa, mais centrada na historiografia que na didática, indicada aos que pretendem aprofundar seus estudos nessa área.

TAVARES, Braulio et al. “A atualidade do auto de natal em tempos de retirantes globais”, *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 499, 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao499.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

Nesta edição da *Revista do Instituto Humanitas da Unisinos*, que aborda a hospitalidade como desafio, há um dossiê dedicado ao poeta João Cabral de Melo Neto. Dele participam Antonio Carlos Secchin, Thaís Toshimitsu, Braulio Tavares, Eli Brandão da Silva e Maria Augusta Torres, abordando a atualidade dos temas da obra de João Cabral de Melo Neto. É uma fonte interessante para pensar a interdisciplinaridade, com o foco em “Morte e vida severina”.

TOSHIMITSU, Thaís. *O rio, a cidade e o poeta*, São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

Esse é um material de aprofundamento na obra de João Cabral de Melo Neto, que analisa a aproximação entre formas sofisticadas e populares em seu projeto estético, articulando esses dois campos que se comunicam em sua escrita.

OBRAS CITADAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018.

- DUARTE, Adriano Luiz. “Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 255-8, 2010. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882010000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 out. 2020.
- GASPAR, Lúcia. “Usinas de açúcar em Pernambuco”. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:
<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 23 set. 2020.
- NECCHI, Vitor. “Poema de João Cabral de Melo Neto é emblema da miséria nordestina”. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 499, 2016, p. 12. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao499.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.
- REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.